

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Rosenilda Freire Rodrigues

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Matinhos/2011

Rosenilda Freire Rodrigues

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Serviço Social: A
questão social na perspectiva interdisciplinar, setor
litoral, Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof^o Dr. Valdo José Cavallet

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho á Deus que me deu força nesta caminhada, aos meus familiares e amigos que me apoiaram e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por nunca ter me abandonado, nas horas em que o cansaço e o desânimo queriam me abater me reergueu para que eu seguisse em frente nessa caminhada e por ter me dado a oportunidade de estar presente neste curso de especialização onde cresci mais como ser humano.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar e a conquistar meus objetivos e pela paciência pela minha ausência durante todo este curso.

Aos professores que me acompanharam durante mais essa etapa da minha vida, transmitindo com sabedoria seus conhecimentos e pela dedicação que demonstraram neste curso e principalmente ao Prof^o Valdo José Cavallet, meu orientador pelo carinho e atenção a mim demonstrados e a Prof^a. Francéli Brizolla pela dedicação e apoio.

Ao corpo docente e discente, a direção e equipe pedagógica e administrativa da escola pesquisada por me receberem com atenção e colaborarem com este trabalho por hora concluído.

Pelos caminhos da escola

Nossos Inimigos dizem: A luta terminou
Mas nós dizemos: Ela começou.
Nossos inimigos dizem: A verdade está liquidada
Mas nós dizemos: Nós a sabemos ainda.
Nossos inimigos dizem:
Mesmo que ainda se conheça a verdade
Ela não pode mais ser divulgada
Mas nós a divulgamos.
É a véspera da batalha
É a preparação de nossos quadros
É o estudo do plano de luta.
É o dia antes da queda
De nossos inimigos.

Bertold Brecht

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como título: *Violência nas escolas*. Teve seu início em março do decorrente ano cuja pesquisa foi realizada numa Escola Estadual do Município de Antonina, Paraná. Para tal foi aplicado questionários para os docentes, discentes e direção da escola, bem como entrevistas buscando entender esse fenômeno tão presente na atualidade refletindo assim sobre a problemática em questão.

Palavras chaves: violência, bullying, escola, aprendizagem.

ABSTRACT

This conclusion of course work is entitled, Violence in schools. Began in march of the year due, whose research was conducted in a State Schools in the city of Antonina, Paraná. To this was applied questionnaires to teachers, students and the school as well as interviews seeking to understand this phenomenon as present today reflects well on the issue in question.

Keywords: violence, bullying, school, learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I:.....	11
REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA EMBASAMENTO DA TEMÁTICA.....	11
1. VIOLÊNCIA ESCOLAR: em busca de uma definição	11
1.1 O que dizem os dicionários	11
1.2. Algumas considerações conceituais.....	12
1.3 Violência na contemporaneidade: uma abordagem biopsicossocial	14
1.3.1 A violência é inata ou adquirida?	14
1.4 A família pode originar a personalidade agressiva ou violenta?.....	15
1.5 A violência na escola – perspectiva teológica.....	16
1.6. Pesquisas no Brasil.....	18
1.6.1. Os primeiros estudos na década de 1980	18
1.6.2. A pesquisa nos anos de 1990.....	19
1.7 Bullying.....	20
1.7.1 Por que ocorre?.....	21
1.7.2. Tipos de agressão	21
1.7.3As atitudes do professor.....	22
1.7.4.Atitudes do gestor.....	22
1.7.5. Cyberbullying.....	23
1.8..... Políticas Públicas para o enfrentamento à violência na escola do Estado do Paraná	24
1.8.1 Programas e projetos	25
PARTE II:	29
CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A REALIDADE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ANTONINA/PR.....	29
2.1 Introdução	29
2.2. Metodologia.....	31
2.2.1 Tipos de pesquisa	31
2.2.2 Participantes/sujeitos da investigação	31
2.2.3 Instrumentos utilizados para a coleta de dados.....	32
Breve relato da aplicação	33
2.3 Aplicação da pesquisa.....	33
Questionários dos docentes que não concederam a entrevista.....	35

2.4 Apresentação e análise de dados.....	37
2.5 Análise das ocorrências	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES	49
1. Transcrição das entrevistas.....	49

INTRODUÇÃO

A escolha da temática “violência nas escolas” surgiu como decorrência de uma preocupação enraizada em minha prática profissional como professora de ensino fundamental, no município de Antonina, desde 1999. A partir do curso de Especialização que ora se encerra foi possível construir um estudo investigativo desta problemática que vemos em nossas escolas e compreender as suas causas e, se possível, formas de evitá-las ou de lidar positivamente com este fenômeno social que se estende, evidentemente, também para dentro da área educacional, em nossas instituições escolares.

Assim sendo, o trabalho está estruturado em duas partes principais: de discussão teórica, primeiramente, e de investigação sobre o tema, num segundo momento.

Compondo a primeira parte, busca-se uma definição para o termo violência com menção ao que consta nos dicionários e o que dizem alguns autores. Trata o tema a partir das abordagens biopsicossociais e da perspectiva teológica. Investiga do ponto de vista histórico os primeiros estudos e as primeiras preocupações em relação ao tema abordado, realizadas no exterior e posteriormente no Brasil. Procura explicar a violência e suas implicações, destacando o fenômeno conhecido atualmente como, muito difundidos na mídia, os quais, se não compreendidos adequadamente podem levar à distorção da compreensão e, conseqüentemente, posterior providência prática.

O segundo capítulo descreve as providências que o Estado do Paraná está tomando para enfrentar a violência nas escolas - programas e projetos - visando uma sociedade mais segura e humana.

A parte dedicada à investigação propriamente dita apresenta a pesquisa de campo realizada, destacando a metodologia, os participantes da pesquisa, os instrumentos utilizados, os procedimentos da coleta de dados, a apresentação e análise de dados, a transcrição das entrevistas concedidas e a análise das ocorrências observadas na instituição de ensino.

PARTE I:

REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA EMBASAMENTO DA TEMÁTICA

1. VIOLÊNCIA ESCOLAR: em busca de uma definição

Estudos realizados por pesquisadores brasileiros quanto os de pesquisadores de outros países vem procurando construir um conceito de *violência* partindo da análise da realidade dos sujeitos.

Para compreender especificamente a denominada *violência escolar* procurei, primeiramente, buscar essa definição e ampliar o entendimento sobre esse fenômeno tão presente em nossa sociedade através de pesquisa com referencial teórico abordando o tema em questão.

1.1 O que dizem os dicionários

Segundo o *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, a violência é “a qualidade ou caráter de violento. Ação violenta: cometer violências. Ato ou efeito de violentar. Opressão, tirania: regime de violência. Direito Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém.

De acordo com o *Dicionário Michaelis*, violência é

1 Qualidade de violento. 2 Qualidade do que atua com força ou grande impulso; força, ímpeto, impetuosidade. 3 Ação violenta. 4 Opressão, tirania. 5 Intensidade. 6 Veemência. 7 Irascibilidade. 8 Qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. 9 Dir. Constrangimento, físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem; coação .

De acordo com as duas definições percebe-se que o termo demonstra algo negativo e que possui significados múltiplos. Essa palavra incorpora uma grande diversidade de sentidos, definidos em termos históricos e culturais (Debarbieux, 1996, 1998; Chesnais, 1981; Dupâquier, 1999), cobrindo também uma definição generalista, que inclui uma grande diversidade de situações que vão desde pequenas infrações e ataques a bens materiais até situações que representam risco de vida. Essas são as realidades e manifestações dessas formas distintas e diferentes de violência.

Apesar da complexidade do termo e da dificuldade conceitual que o cerca, há um ponto de consenso básico. Esse ponto consensual consiste em que todo e qualquer ato de agressão – física, moral ou institucional - dirigido contra a integridade de um ou vários indivíduos ou grupos é considerado um ato de violência (ABRAMOVAY e RUA, 2002).

Podemos verificar que os pontos de vista entre os estudiosos não são consensuais; por isso faz-se necessário uma pesquisa mais detalhada deste fenômeno, no sentido de conhecer os vários posicionamentos para se estabelecer um diálogo com a realidade e compreender as diferentes faces do fenômeno da violência que chega à escola.

1.2. Algumas considerações conceituais

A fim de compreender a violência associada à escola é de fundamental importância analisar as tentativas de conceituação feita pelos estudiosos do tema. A questão da violência vem preocupando a sociedade como um todo, nacionalmente ou internacionalmente (refiro-me a Europa e a alguns países da Ásia e Américas, especialmente a os Estados Unidos).

No Brasil, a preocupação surge principalmente na década de 80. Os segmentos da sociedade - família, escola e as instituições públicas ou privadas - estão sendo vitimizadas ao mesmo tempo em que contribuem para essa situação. Para resolver tal problema estes mesmos segmentos estão buscando encontrar soluções. Os conceitos sobre a violência variam de país para país.

Na Inglaterra (Hayden, 2001; Blaya, 2001) estudos apontam a dificuldade de formular um conceito de violência escolar, na medida em que não se costuma usar o termo violência para qualificar atos específicos praticados pelos professores contra alunos e vice-versa. Isso é verdade, uma vez que esse tipo de violência tem conotações emocionais (ABRAMOVAY e RUA, 2002). Usar termos como “agressão”, “comportamento agressivo”, “intimidação” (bullying) e “insubordinação” seria mais apropriado, tratando-se de certos tipos de situações que ocorrem no dia a dia da escola. Na Espanha, como demonstrou Ortega (2001), há uma espécie de desconforto moral com relação a qualificar como “violência escolar” determinados atos de violência. Isso vale principalmente para os atos praticados contra jovens e crianças. Nos Estados Unidos, a ênfase tende a ser colocada fora da escola, como

foco nas gangues (HAGEDORN,1997). Em casos como estes, os termos usados são “delinquência juvenil” e “comportamento antissocial” (FLANNERY, 1997).

A partir de meados da década de 90, pode-se observar, na literatura especializada, uma tendência a um certo grau de consenso, no sentido de considerar como *violências* qualquer demonstração de agressividade contra bens materiais ou pessoas (alunos, professores, escolas, funcionários da escola, etc.). (FUKUI, 1992; SPOSITO, 1994; GUIMARÃES, 1996; CANDAU, LUCINDA e NASCIMENTO; MINAYO, 1999).

Em termos da busca de explicações para as causas da violência escolar, a literatura especializada associa os atos de violência a fatores externos e/ou internos. Os fatores externos (exógenos) referem-se a explicações de natureza socioeconômica. Dentre eles, constam a exacerbação da exclusão social, racial e de gênero, bem como a falta de pontos de referência entre os próprios jovens. Estes fatores, embora não sendo condicionantes, podem ser encontrados nas explicações propostas para muitos dos casos de violência praticada nas escolas. Desse ponto de vista, a escola é vista como vítima de situações que estão fora de seu controle. A escola se torna objeto dos atos violentos.

Em termos das variáveis internas (endógenas), a literatura dá ênfase a fatores tais como os sistemas de normas e regulamentos, bem como os projetos político-pedagógicos (HAYDEN e BLAYA, 2001; RAMOGINO *et al.*, 1997). Esses fatores abrangem também o colapso dos acordos relativos à coexistência interna e, também, à falta de respeito por parte dos professores em relação aos alunos e vice-versa. Outros fatores citados são a baixa qualidade do ensino e a escassez de recursos (SPOSITO, 1998; FELDMAN, 1998; BLAYA, 2001). Estas variáveis fazem parte de um conjunto de ações, dificuldades e tensões vivenciadas na rotina da escola. As razões para as dificuldades encontradas no estabelecimento de relações razoáveis e harmônicas entre os alunos, a escola e a comunidade podem ser explicitamente encontradas nessas variáveis.

Concluindo, é importante ressaltar que o tema "violência nas escolas" abrange uma grande variedade de pontos de vista, percepções e modelos de análise. Como apontam Debarbieux (2001) e Watts (1998), é importante dar prosseguimento a estudos interdisciplinares e transnacionais, de modo a comparar experiências nitidamente distintas. Esses estudos permitirão a descoberta de fatores comuns que propiciem uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Nesse meio tempo, há consenso quanto ao fato de que não apenas o conceito de escola, mas também as escolas em si, vêm passando por transformações em termos de identidade, papel e função social. Fazer uso dos estudos que tratam do universo escolar com o objetivo de alinhar os pontos de vista macro-sociais sobre os jovens, a violência e a exclusão social pode vir a representar uma importante contribuição para a construção de alternativas para o combate à violência. A UNESCO vem tomando iniciativas de peso no sentido de atingir esse objetivo.

1.3 Violência na contemporaneidade: uma abordagem biopsicossocial

A questão da violência leva-nos invariavelmente a refletir sobre as noções de *normalidade* e *patologia* no campo das relações sociais.

Freud introduziu um novo paradigma para a distinção entre o normal e o patológico. Segundo ele essa distinção é uma questão quantitativa e não qualitativa: a doença mental nada mais era do que a exacerbação de mecanismos encontrados em todos os seres ditos normais do ponto de vista psíquico. Isto equivale a dizer que todo ser humano é potencialmente violento, embora sua violência latente possa nunca se manifestar se não houver estímulos suficientes para desencadeá-la. Para exemplificar, um indivíduo dócil e pacífico pode cometer um homicídio (ato de violência) para defender sua própria vida, sua prole ou seu país.

O que foi dito até então é tão somente para entender e compreender a violência e de modo algum justificá-la.

A expressão agressividade vem do latim “ad+gradior”, onde *ad* significa “para frente” e *gradior* significa “movimento”. Logo, a agressividade seria definida como *movimento para frente* e o que a caracteriza é o componente “ação” e não os seus propósitos. Há quem proponha que o termo agressão seja para identificar a conotação negativa ou destrutiva da ação agressiva e agressividade para designar seu significado construtivo, a serviço da vida, como se pode encontrar na conduta do homem para preservar-se como indivíduo e como espécie.

1.3.1 A violência é inata ou adquirida?

Hoje em dia tanto biólogos quanto psicólogos parecem concordar que o que

existe de fato é apenas uma pré-disposição inata a reagir de modo agressivo e violento. Ou seja, a violência não seria inata, mas a predisposição para reagir de modo violento diante de certas circunstâncias da vida.

Não há uma diferença qualitativa entre agressividade e violência, mas uma distinção em termos de intensidade de suas manifestações, conforme o perfil constitucional do indivíduo e a natureza e frequência dos estímulos desencadeantes.

Há quem diga que a violência é desencadeada pelos estímulos do ambiente, é uma reação natural a situações de frustrações, assim como interpretações de que a violência é um comportamento aprendido. Entre os fatores constitucionais e ambientais determinantes da agressão ou violência devemos considerar o seguinte: há um perfil do indivíduo agressivo ou violento?

De acordo com Luiz Carlos Osório (2000) os traços caracteriológicos dos indivíduos muito agressivos ou violentos variam entre:

- baixa auto-estima;
- alta vulnerabilidade à humilhação;
- frequentes sentimentos de impotência;
- inabilidade no autodomínio e deficiente controle de seus impulsos;
- labilidade emocional;
- ausência de projeto de vida (falta de motivação e visão prospectiva);

Nesses indivíduos também podemos encontrar casos de situações de rejeição parental, discórdia conjugal, disciplina punitiva ou excessiva permissividade (mais comumente a alternância dessas duas atitudes, caracterizando uma atitude ambivalente nas práticas educativas), ameaças e consumação de agressões físicas por parte dos circunstantes e sujeição a atos de humilhação.

1.4 A família pode originar a personalidade agressiva ou violenta?

Não se pode afirmar que haja um protótipo de família que gere indivíduos violentos. Em determinadas famílias, só um dentre vários filhos desenvolve tendências ao comportamento agressivo.

É possível ter filhos violentos tanto de pais rígidos ou autoritários, como de pais abandonadores, rejeitadores ou ausentes, o que não permite que se responda afirmativamente à questão proposta.

Neste sentido, é comum o interesse em descobrir em que medida outros

fatores ambientais, que não os fatores familiares, podem predispor à emergência da violência. Para Freud a diferença entre a agressividade que se situa no pólo da normalidade e a violência que se situa no pólo da patologia é quantitativa e não qualitativa, como já foi anteriormente destacado. Tendo isto em vista, dependendo da intensidade e de estímulo externo, pode-se ter a eclosão de atos violentos mesmo em indivíduos tidos como pacíficos; portanto, podemos dizer que o ato violento é indissociável de suas circunstâncias.

Há indivíduos que se tornam violentos se submetidos a situações extremas de humilhação, injustiça ou discriminação. Essa reação muitas vezes pode se voltar contra o próprio indivíduo sob a forma de suicídio praticado como única maneira de evadir-se da situação vexatória.

Não há como considerar e dissociar a historicidade do indivíduo e da sociedade em que está inserido da predisposição constitucional para o ato violento.

1.5 A violência na escola – perspectiva teológica

Examinando a violência na sociedade atual, numa perspectiva teológica, com a intenção de cooperar na compreensão e solução do tema pode-se afirmar que:

(a) o fato: a violência existe e é universal

A violência existe em cada ser humano, através de milênios. É uma realidade universal e se manifesta ostensivamente na sociedade agressiva em que ora se vive. A violência está enraizada no coração humano e toda pessoa está envolvida com ela. A diferença é uma questão de nível de proporções. Como toda pessoa é agressiva e violenta, fica claro que a sociedade toda vive a prática da violência. Esta é uma triste, desagradável e chocante realidade. “A terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência”, é o que lembra Gênesis - 6.1.

A sociedade passou a viver um clima de medo, insegurança, angústia, pavor e para defender-se da violência e da agressividade, compra armas (que é outro instrumento de violência), colocam cercas elétricas, alarmes nas casas e automóveis e apesar de tudo isso a agressividade só tende a crescer.

Vendo a desobediência, a rebeldia, e maldade do ser humano, após a queda do pecado o próprio Criador exclamou: “Estou arrependido de ter feito os seres humanos. Farei desaparecer da terra os homens que criei”. (Gn. 6.6,7)

(b) as causas: a causa maior e primeira chama-se pecado

- Transgressão original: o vírus do pecado está presente na sociedade.

Numa Conferência de Psicologia, conforme o livro *Är Ist Unser Leben*, um dos profissionais, a certa altura de seu discurso, afirmou: “A angústia de minha vida chama-se pecado”. Ele foi interrompido por um colega, que disse: “A ideia de pecado é caduca, rapaz; o termo é medieval”. E o orador respondeu:

Eu sei que o homem moderno, como você, não quer falar em pecado. Também eu não gosto. Mas eu até posso riscar o termo pecado; com isto, porém, ainda não termina a minha angústia. É que dentro de mim - e de todas as pessoas - existe um parque zoológico: um leão, que agride a esposa; uma cobra que vomita veneno; um muçum, que anda em águas turvas; um ouriço que joga seus espinhos para causar feridas e chagas. É este zoológico, que está dentro de mim, com todos os animais perigosos, que se chama pecado.

E é este pecado que causa todas as injustiças e VIOLÊNCIAS em nossa sociedade.

Em Mt (15.19) Jesus diz que “são os maus pensamentos que levam também a pessoa a roubar, mentir e caluniar- e praticar a violência.

- Transgressões atuais: a transgressão original é responsável por suas consequências, dentre as quais a violência em questão.

A agressão a Deus é a causa primária do que a sociedade vive. As causas para o fenômeno da violência é demonstrado pela mídia como a fome, desemprego, mas na verdade a sociedade provoca e sofre a violência em virtude das suas atitudes.

(c) as conseqüências: todo ser humano é agressivo e violento?

A transgressão primeira e maior contaminou a natureza humana e transformou toda pessoa num ser agressivo e violento.

As categorias

O homem é um ser agressivo, perigoso, ciumento egoísta e violento e pratica violências que podem ser físicas, morais e espirituais que atingem o coração e alma do outro.

Instrumentos

O uso de armas, grades, cachorros ferozes, alarmes em busca de segurança e proteção também são instrumentos de violência.

Atualmente, estamos combatendo a violência com violência e assim formamos uma sociedade cada vez mais violenta.

(d) soluções: é tarefa do educador apontar o caminho da paz?

A tarefa de combater a violência e ir em defesa da vida é uma tarefa de extrema importância.

Gravidade

A violência assumiu proporções alarmantes que preocupam e chocam, e nós sofremos na pele esse fenômeno.

Desafio

O que precisamos é enfrentar a violência com coragem e otimismo.

Os pais podem começar no lar a transformar a sociedade.

Os professores, educadores, líderes da sociedade praticando uma educação mais apropriada, contextual. Os professores são agentes de transformação e podem com uma pedagogia instruir seus educandos a discernir o certo do errado.

É preciso remover as causas da violência moldando a mente, a alma, o coração, a personalidade da pessoa.

A Bíblia diz que Deus está disposto a regenerar o ser e a dar um coração novo: “Eu lhes darei um coração novo e porei em vocês um espírito novo. Tirarei de vocês o coração de pedra, desobediente, e lhes darei um coração bondoso, obediente” (Ez. 36,26).

1.6. Pesquisas no Brasil

1.6.1. Os primeiros estudos na década de 1980

Os primeiros diagnósticos baseados em levantamentos parciais sempre apontaram as depredações, furtos e invasões em períodos ociosos como os grandes problemas dos anos 1980 em cidades como São Paulo, Salvador, entre outras (SPOSITO, 1994, 1999; PINTO, 1992, SARMENTO, 1987).

A primeira pesquisa realizada por Guimarães (1984) oferece um quadro bastante sugestivo ao contrariar hipóteses dominantes no período que propunham ser a violência em meio escolar decorrência do controle e vigilância exercida por professores e demais profissionais das unidades escolares. A pesquisa de campo realizada por ela mostrava que o fenômeno da violência estava presente tanto em escolas rígidas quanto em escolas mais desorganizadas.

Em outro estudo já no final da mesma década destacava-se que o policiamento nas escolas diminuíram o número de depredações mas, por outro lado, aumentaram as brigas físicas entre os alunos.

1.6.2. A pesquisa nos anos de 1990

Ao longo da década de noventa algumas pesquisas descritivas sobre a violência escolar foram realizadas por organizações não-governamentais e entidades de profissionais da educação e por estudos empreendidos por organismos públicos.

Registra-se apenas um único estudo nacional realizado sobre condições de trabalho com professores da rede pública de ensino público, no qual o tema violência e segurança nas escolas é abordado.

A UNESCO empreende em parceria com várias instituições, pesquisa nacional sobre jovens no Brasil, envolvendo as capitais. Essas pesquisas nascem a partir de 1997, com a preocupação em descobrir o comportamento violento dos jovens.

A primeira pesquisa realizada pela UNESCO com jovens de Brasília apontava que jovens do sexo masculino se envolviam em situações de agressões físicas, discussões e ameaças ou intimidações no interior da escola mais do que jovens do sexo feminino.

A pesquisa realizada no Rio de Janeiro revelou que os jovens mais privilegiados relataram um número maior de ocorrências de ameaças bem como de agressões físicas do que os de origem popular.

Embora os resultados sejam bastante fragmentados é possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as

práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. Dentre estas últimas, as agressões verbais e ameaças são as mais frequentes.

1.7 Bullying

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. Ainda sem tradução no Brasil, é de origem inglesa e utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. As agressões, os assédios e as ações desrespeitosas são comportamentos realizados de maneira intencional por parte do agressor.

No dicionário encontraremos as seguintes definições para a palavra bully: indivíduo mandão, valentão, tirano, brigão e a expressão bullying a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

O bullying pode ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa.

Além disso, um possível isolamento ou queda do rendimento escolar, crianças e adolescentes que passam por humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. Em alguns casos extremos, o bullying chega a afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio.

O bullying não é um fenômeno recente, sempre existiu. O primeiro a relacionar a palavra a um fenômeno foi o professor da Universidade da Noruega, Dan Olweus, no fim da década de 1970. O pesquisador descobriu ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, o bullying era um mal a combater.

Com a influência dos meios eletrônicos, como a internet e as reportagens da televisão a popularidade do fenômeno cresceu.

1.7.1 Por que ocorre?

O autor pratica o bullying para sentir-se popular, poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo para isso atinge um colega com humilhações. O sofrimento do outro não o impede de agir e sente-se satisfeito com a coação do agredido.

Segundo o médico pediatra Lauro Monteiro Filho, fundador da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), “o autor do bullying não é assim somente na escola. Normalmente ele tem uma relação familiar na qual tudo se resolve pela violência verbal ou física e reproduz isso no ambiente escolar”.

Normalmente é na escola que se demonstram os primeiros sinais de um praticante de bullying. Para que ele deixe de praticar tal ato faz-se necessário um tratamento.

Nesse contexto há o espectador que é um personagem fundamental no bullying, pois este é testemunha dos fatos, mas não sai em defesa da vítima nem se junta aos autores. Podendo isso acontecer por medo de ser alvo dos ataques. O alvo dos ataques pode ser uma criança com baixa autoestima e retraída tanto na escola como em casa. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais, éticos e religiosos.

O aluno que sofre bullying, principalmente quando não pede ajuda, enfrenta medo e vergonha de ir à escola. Pode querer abandonar os estudos, não se achar bom para integrar o grupo e apresentar baixo rendimento.

Aqueles que conseguem reagir podem alternar momentos de ansiedade e agressividade. Para mostrar que não são covardes ou quando percebem que seus agressores ficaram impunes, os alvos podem escolher outras pessoas mais indefesas e passam a provocá-las, tornando-se alvo e agressor ao mesmo tempo

1.7.2. Tipos de agressão

Tanto o bullying com agressão física quanto o bullying com agressão moral são graves e têm danos graves ao alvo do bullying. A violência física por ter consequências visíveis é por vezes considerada mais grave que uma fofoca ou xingamentos. A escola deve ficar em alerta aos comportamentos moralmente

abusivos, pois os professores veem o concreto, mas a exclusão é também uma forma dolorida.

O bullying praticado pelos meninos difere do praticado pelas meninas, pois as ações dos meninos são mais expansivas e agressivas e, portanto mais fáceis de identificar. Eles chutam, gritam, empurram, batem.

As meninas já se utilizam de fofocas, boatos, olhares, sussurros, exclusão.

1.7.3 As atitudes do professor

A intervenção do professor em sala de aula deve ser imediata, quando surgir alguma situação, mostrando respeito e dando exemplo.

Para o professor distinguir atitudes inaceitáveis deve se colocar no lugar do outro.

No livro *Bullying Escolar* (2008) os especialistas e escritores aconselham o seguinte:

- Incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito;
- Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos;
- Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o bullying, procurar imediatamente a direção da escola.

É papel de a escola construir uma comunidade na qual todas as relações são respeitadas.

O bullying não acontece só dos portões para dentro da escola ela acontece também fora do ambiente escolar, como na internet e é importante que os pais e alunos se conscientizem dessas formas de agressão.

1.7.4. Atitudes do gestor

Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) algumas atitudes podem tornar o ambiente escolar saudável:

- conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- estimular os estudantes a informar os casos;

- reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar;
- estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos;
- interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do bullying;

A escola é um local de ensino formal, mas também forma cidadãos cientes de seus deveres e direitos, que devem agir com os sentimentos de solidariedade, cooperação, amizade, respeito entre outros. Criando um ambiente propício a escola pode diminuir a violência entre os estudantes.

Com relação à conversa da escola com os pais dos alunos envolvidos em bullying, a conversa deve ser mediada de forma a evitar a acusação de ambos os lados. Muitas vezes a escola trata de forma inadequada os casos relatados por pais e alunos, responsabilizando a família pelo problema. É papel dos educadores sempre dialogar com os pais sobre os conflitos- seja o filho alvo ou autor do bullying, pois ambos precisam de ajuda e apoio psicológico.

Nos casos extremos de bullying a escola deve mostrar que não admite determinado tipo de conduta e a razão, abordando a questão da tolerância ao diferente e do respeito por todos, inclusive com os pais dos alunos envolvidos.

A escola também deve trabalhar a conscientização com os espectadores do bullying, tanto os que assistem quanto aqueles que incentivam.

1.7.5. Cyberbullying

É o bullying praticado nos meios eletrônicos, com mensagens difamatórias ou ameaçadoras circulando por e-mails, sites, blogs, redes sociais e celulares.

No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas. Antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo e o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças e os efeitos podem ser tão graves ou piores, levando a vítima a não se sentir mais seguro em lugar algum, em momento algum.

Mesmo virtual, o cyberbullying precisa receber o mesmo cuidado preventivo do bullying e a dimensão dos seus efeitos deve sempre ser abordada para evitar a

agressão na internet.

É também de responsabilidade da escola abrir espaço para discutir a questão do cyberbullying.

1.8 Políticas Públicas para o enfrentamento à violência na escola do Estado do Paraná

É necessário considerar o fenômeno da violência a partir de uma perspectiva histórica, social e política. Compreende-se a violência na escola como um processo que se constitui historicamente no espaço e no tempo escolar. A violência na escola torna-se preocupante pelo fato de que enquanto espaço institucionalizado de desenvolvimento do indivíduo pela educação. Sendo esta um processo de socialização, de desenvolvimento intelectual, científico e filosófico do indivíduo.

O enfrentamento à violência na escola requer formação continuada dos profissionais da educação, reflexões e discussões em grupos de estudos, seminários e oficinas sobre as causas da violência e suas manifestações, bem como a produção de material de apoio didático-pedagógico.

A Secretaria do Estado da Educação do Paraná, através da CDEC (Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos), criado em 2007, integrou e articulou a Rede de Proteção na construção do Plano Estadual de Enfrentamento à violência.

No âmbito das Escolas Públicas Estaduais do Paraná, a violência pode ser entendida como um processo complexo e desafiador que requer um tratamento adequado, cuidadoso e fundamentado teoricamente, por meio de conhecimentos científicos, desprovidos de preconceitos e discriminações.

A partir do século XIX, mudanças estruturais ocorrem na assistência à infância no Brasil, substituindo aos poucos a piedade e o amor cristão pela racionalidade científica. Surge uma política de assistência que tem como objetivo a reintegração social.

No ano de 1927, é promulgado o primeiro código de menores, conhecido também como Código de Mello Mattos. Neste período o Estado passa a assumir a tutela do menor abandonado ou infrator. E em 1979 surge o Código de Menores.

Em 1990 surge o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), trazendo uma doutrina jurídica de proteção integral. A criança deixa de ser vista como objeto de

intervenção da família, da sociedade e do estado e passa a ser entendida como um sujeito de direito e em desenvolvimento e a importância da educação dá-se aí.

Atualmente, compreende-se que um trabalho de enfrentamento à violência na escola pressupõe um encaminhamento pautado em três eixos de ação: diagnóstico, estudo e produção de material de apoio didático-pedagógico; formação continuada dos profissionais da educação; e, acompanhamento e promoção de ações interinstitucionais que devem ser visto de forma interligada.

Em 2007, com a criação da CDEC, a SEED iniciou o processo de construção dos *Cadernos Temáticos de Enfrentamento à Violência nas Escolas e de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas*, impressos e encaminhados às escolas de nossa rede. Juntamente a esse processo ocorre a formação continuada dos profissionais da educação com *Seminário Integrado sobre Drogas, Evasão, Indisciplina e Violência na Escola* com avaliação positiva, integrando demandas de diferentes coordenações e departamentos com o objetivo de fortalecer a rede de proteção social e, conseqüentemente, o *Sistema de Garantias de Direitos* do qual a educação faz parte.

A Rede de Proteção Social dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes visa fortalecer o Sistema de Garantia de Direitos consistindo na integração com a sociedade civil e por meio da intersectorialidade das políticas públicas na área da educação, saúde, segurança, assistência social, atendimento jurídico, entre outras. Baseado num trabalho planejado, dentro de princípios como horizontalidade, o diálogo, o comprometimento, visando dinamizar a garantia de direitos e possibilitando o reconhecimento de que o fenômeno da violência é multifacetado e que seu enfrentamento envolve uma ação articulada e integrada.

Em suma, a SEED tem uma proposta de trabalho para a nossa rede de ensino, buscando junto a Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos (CDEC) cumprir o ciclo dos três eixos de forma a fornecer às escolas uma orientação pautada em bases legais quanto à questão do enfrentamento à violência e indisciplina na escola.

1.8.1 Programas e projetos

O Batalhão de Patrulha Escolar Comunitária (BPCE) foi criado no Paraná para atender as comunidades escolares com os Programas Patrulha Escolar

Comunitária (PEC) e Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) e tem por finalidade o desenvolvimento da ampla proteção à criança e ao adolescente por meio da educação preventiva sobre drogas e violência, seja pela aplicação dos Programas citados, ou pela realização de atividade especializada de policiamento que prevê a antecipação aos atos delituosos, sempre com o fim de transformar o ambiente escolar pela mudança e atitudes.

O Programa Patrulha Escolar Comunitária se constrói em cada comunidade escolar com o desenvolvimento de cinco etapas com a inclusão de algumas atividades complementares.

I ETAPA: Avaliação das instalações físicas quanto à funcionalidade e segurança onde os policiais militares visitam a escola e fazem a avaliação orientando a direção quanto a procedimentos que possam tornar o local mais seguro e funcional;

II ETAPA: Diagnóstico escolar: Para que as ações transformadoras sejam encontradas e executadas faz-se necessário o diagnóstico da realidade local contando deste modo com a aplicação de atividades dinâmicas para pais, professores, alunos e funcionários através da reflexão e discussão de três questões:

1. Quais os problemas de segurança que identificam na escola?
2. Que soluções identificam para o problema?
3. De que forma se comprometem com as soluções?

Com as informações coletadas são construídas atividades para as próximas etapas.

III ETAPA: Execução pela administração e comunidade escolar. Nessa etapa a *Patrulha Escolar* dará apoio para a comunidade escolar realizar providências e mudanças de procedimentos.

IV ETAPA: Palestras: são ministradas pelos policiais militares da *Patrulha Escolar* e seus temas embasados nas atividades de dinâmicas da etapa II. Orientações sobre segurança, Estatuto da Criança e do Adolescente e Prevenção ao Uso de Drogas são priorizados no início dos trabalhos de palestras, pois são assuntos de necessidade comum a todas as escolas.

Aos pais são ressaltadas as atribuições da família e muitas reflexões sobre limites, autoridades dos pais envolvimentos pessoais junto às escolas onde os filhos estudam. Aos professores, as questões sobre disciplina, autoridade, qualidade de aulas, relações interpessoais e normas coletivas são explorados em forma de palestra e discussões. Aos alunos, é feito um trabalho interativo onde se busca a

definição de características de uma escola de qualidade construída com a participação efetiva dos alunos. Aos funcionários, além das orientações de segurança e ECA comuns a todos os segmentos, lhes são reforçadas as características de sua profissão.

V ETAPA: Plano de Segurança do estabelecimento de ensino todas as atividades desenvolvidas pela Patrulha Escolar, com o objetivo de garantir a segurança daquela população.

A Patrulha Escolar Comunitária ainda conta com algumas atividades complementares como:

- Patrulhamento diferenciado;
- Interação com a comunidade e autoridades locais;
- Aconselhamento aos alunos;
- Mediação na resolução de conflitos;
- Busca pessoal (preventiva e por fundada suspeita);
- Operações externas às escolas;
- Palestras interativas.

O Estado do Paraná implantou o PEC pela necessidade que a Secretaria de Educação e a Polícia Militar sentiram em dar uma resposta à crescente violência na escola e no seu entorno.

O PROERD foi incorporado ao BPEC no mês de julho de 2008, sua implantação deu-se com o objetivo de trabalhar na perspectiva da prevenção primária às drogas e a violência. O programa tem diminuído problemas referentes à droga, violência e disciplina nas escolas e tem se antecipado à ação de traficantes e da violência na escola, família e entorno social em função do trabalho realizado pelos policiais militares que desenvolvem sua atividade na condição de Educador Social do Programa.

O trabalho do PROERD só se realiza em função do estabelecimento de Convênios entre a Secretaria de Estado de Segurança Pública - Polícia Militar do Paraná com as Secretarias de Educação dos Municípios e das Escolas Particulares, bem como a parceria com demais órgãos pertinentes que participam no processo de formação, na condição de apoiadores.

O PROERD é originário do Programa Americano chamado *Drug Abuse Resistance Education* (1983), nos EUA, que passou por adaptações à realidade brasileira e foi contextualizado na sociedade paranaense. O Rio de Janeiro foi o

primeiro a implantar o programa no ano de 1992 e atualmente todos os Estados brasileiros o aplicam. É um programa desenvolvido em 58 países, sendo aproximadamente 50 milhões de crianças atendidas nos cinco continentes. Surgiu no Estado do Paraná em 2002 e é aplicado a alunos que cursam os 5º e 7º anos do ensino de 9 anos, na frequência de uma vez por semana.

Os policiais militares são selecionados e formados por profissionais da própria polícia militar e da área de educação para atuarem nas escolas e em famílias.

As lições do PROERD ensinam as crianças e adolescentes a reforçarem a autoestima, lidar com as tensões, resistir às pressões dos companheiros e da mídia, além de desenvolver conceitos de cidadania.

Para este trabalho foi desenvolvido um currículo próprio com dez lições respeitando as necessidades, desenvolvimento psicológico e a maturidade das crianças:

- Adquirir as habilidades e conhecimentos para reconhecer e resistir à pressão dos companheiros ou grupos quando do oferecimento de álcool, cigarros ou outras drogas;
- Desenvolver a autoestima;
- Aprender técnicas de como ser mais seguro;
- Maneiras de dizer não às drogas;
- Aprender alternativas positivas ao uso de drogas;
- Aprender a lidar com o estresse e resolver conflitos;
- Resistir ao envolvimento com gangues;
- Reduzir da violência;
- Consequência dos atos de vandalismo e violência;
- Aprender a tomar decisões;
- Construir habilidade de comunicação;
- Noções de cidadania.

PARTE II:

CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A REALIDADE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ANTONINA/PR

2.1 Introdução

A presente pesquisa teve como objetivo principal verificar como os professores estão lidando com a questão da violência no âmbito escolar, bem como perceber como os educandos se comportam diante deste fenômeno tão presente nas escolas.

O trabalho de investigação deste objetivo foi realizado numa escola estadual do município de Antonina, janeiro de 2008, iniciando seu funcionamento sob dualidade administrativa com uma escola municipal. Oferta as séries finais (5ª a 8ª série) do Ensino Fundamental no período matutino, período este em que foi realizada a pesquisa e, também, no período noturno, tendo como mantenedor o Governo do Estado do Paraná.

A escola está inserida no município de Antonina que apresenta uma economia baseada nas atividades portuárias mais precisamente a do terminal portuário Ponta do Félix. A comunidade também sobrevive de atividades extrativistas no cultivo de algumas culturas como banana, mandioca e feijão. Há um número bastante significativo de pessoas que trabalham na pesca artesanal e de trabalho informal para a produção de artesanato, vendas ambulantes entre outras. Também temos alguns habitantes que trabalham na esfera governamental, municipal e estadual como prefeitura, escola, correios, agências bancárias e casas comerciais. Conta também com atividades agrícola e agropecuária.

No cotidiano da escola os alunos apresentam-se desmotivados, desinteressados resultado de uma comunidade sem muitas perspectivas de futuro, parte das famílias vive da pesca, serviços temporários e atividade portuária, com escolaridade incompleta e, em grande parte dos casos, sem escolaridade alguma. Em alguns casos a família não se interessa pela vida escolar de seu filho, não se preocupa com o futuro apresentando deste modo falta de responsabilidade, sendo omissa no que se refere aos direitos e deveres dos mesmos que estão na escola. Há ausência de comprometimento com o social e com o seu papel transmitindo toda a responsabilidade para a escola.

Cabe a escola a tarefa de ajudá-lo a reconhecer a importância da apropriação do conhecimento, a consciência de vivência, de cidadania, buscando resgatar a auto-estima considerada ponto de partida para levá-los ao desenvolvimento pleno.

Segundo a escola, os professores que atuam na mesma são em sua maioria contratados pelo regime de PSS (Processo Seletivo Simplificado), os quais colaboram tanto no coletivo como no individual para que todo o trabalho escolar se desenvolva da melhor maneira possível; entretanto, o que se pode perceber é que são professores recém-formados e que estão experimentando a docência pela primeira vez e que, por este motivo, sentem dificuldades em manter os alunos interessados na aula. Uma professora fez um relato em sua entrevista que me chamou muito a atenção: “Encho o quadro-negro de atividades para mantê-los ocupados; do contrário, ficam de agarramento na sala de aula ou fazendo provocações uns para os outros. Já tentei vídeos, jogos e nada funciona...”, conta.

A escola conta com o apoio pedagógico, a pedagoga trabalha junto aos professores para orientá-los quanto à elaboração dos planos de trabalhos e projetos que são realizados.

Os alunos apresentam dificuldades para aprender e, além disso, a comunidade local por apresentar diversas formas de carências (econômica e social), tem refletido no comportamento dos educandos sérias formas de desajuste social que se manifestam por meio da indisciplina e até mesmo em comportamento que inibem a satisfação do grupo “sala de aula” no que diz respeito à aprendizagem.

O perfil da comunidade é econômica e socialmente carente, visto que a maior parte das famílias vive sob condições bastante precárias, o que acarreta uma série de dificuldades no trato com a cultura escolar. As questões sociais e econômicas que são mencionadas e que devem ser consideradas são: desemprego, subemprego, analfabetismo social, entre outros, que comprometem a relação escola x família e, por consequência, influencia no rendimento escolar.

De acordo com o PPP da escola, a instituição apresenta algumas dificuldades em relação ao ensino/aprendizagem; dentre eles destacam-se: a rotatividade anual dos profissionais de ensino que gera dificuldade na construção da identidade pedagógica da instituição escolar; e a falta de suporte humano familiar que dificulta o processo de desenvolvimento social, afetivo e cognitivo, desencadeando problemas na auto-estima dos educandos e, conseqüentemente, na aprendizagem.

2.2. Metodologia

2.2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa tem caráter quantitativo conjugado ao qualitativo: com a obtenção de dados, procurando compilá-los para posterior análise crítica. Pelo fato de estar todos os dias na escola, a observação de alguns fatores também vieram a contribuir muito para a efetivação de todo o processo. Por isto, também pode-se considerar a pesquisa participante em todo o trabalho investigativo.

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, destacam-se a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso. Ambos vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola.

2.2.2 Participantes/sujeitos da investigação

(a) Os docentes.

Participaram desta pesquisa onze professores, visto que quase todos são habilitados na disciplina que atuam, exceto uma professora que é médica veterinária, mas que ministra aulas na disciplina de ciências.

Dos professores que participaram do questionário, oito possuem curso superior e três possuem doutorado.

Dos onze professores, apenas um trabalha somente nesta escola e os demais trabalham em outras escolas do município.

Os professores entrevistados trabalham com a 5ª e 6ª séries, focos da atenção.

A diretora da escola também participou respondendo um questionário com 10 questões a respeito da violência escolar, cujo objetivo principal seria saber se a mesma já tomou conhecimento de algum caso de violência durante seu mandato e que tipo de medidas foi adotada mediante tal situação.

(b) As turmas.

A justificativa para a escolha de tais turmas é o fato de que a manifestação da violência, da agressividade, aparece com mais evidência nesta faixa etária por razão do início da puberdade ou adolescência e pelas mudanças ocorridas no corpo deste que pode se tornar motivo ou alvo de provocações entre os educandos. Outra questão também pode ser atribuída ao fim da primeira etapa do ensino fundamental e a reorganização pedagógica costumeira dos currículos, tanto no que diz respeito aos conteúdos quanto, e principalmente, à forma de organização e apresentação dos mesmos aos alunos, com a iniciação da docência de vários professores/disciplinas na série, até então com um regente referência.

(c) Os alunos.

Participaram da pesquisa 31 educandos da 5ª série e 21 educandos da 6ª série, num total de 52 educandos, com idades que variam entre 10 e 15 anos. Essas duas turmas foram escolhidas porque seus componentes têm idades parecidas, mas a incidência de ocorrências prevalece na 5ª série.

2.2.3 Instrumentos utilizados para a coleta de dados

Para este trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, visto sua possibilidade de investigação em pesquisas realizadas na área da educação.

Os dados foram coletados através de questionário destinado à direção da escola, aos professores e aos alunos das 5ª e 6ª séries. Os questionários aplicados tiveram questões abertas e fechadas; também utilizou-se entrevista semi-estruturada.

O questionário foi escolhido como instrumento de obtenção de dados objetivos sobre a relação da violência e a aprendizagem, e neste sentido, quantificar alguns aspectos acerca dessa questão.

A entrevista foi utilizada neste trabalho para obter dados qualitativos, visando complementar os dados quantitativos obtidos com o questionário, esclarecendo alguns pontos que ficaram vagos, ou seja, que o questionário por ser mais objetivo deixou a desejar.

Breve relato da aplicação

Aos educandos o questionário foi aplicado com o consentimento da direção e coordenação da escola que conversaram com os professores das séries citadas para que cedessem alguns minutos das suas aulas para sua aplicação. Os professores permaneceram na sala de aula no momento da aplicação. Aos educandos foi explicado o objetivo da pesquisa e os mesmos colaboraram e muito.

O questionário foi entregue e dito aos mesmos que não seria preciso a identificação, pois o mais importante para a pesquisa seriam as informações nele contidas.

Dos onze professores que receberam o questionário para responder, cinco professores se prontificaram a conceder a entrevista que ocorreu no horário da hora atividade e uma delas se preocupou se o tempo seria suficiente para responder os questionamentos, mas ocorreu de forma rápida e sucinta para não tomar muito o seu tempo.

É importante ressaltar que nem todos os professores foram acessíveis em relação à entrevista, optando assim por não darem informações. Uma das professoras utilizou uma frase que nenhum pesquisador gostaria de ouvir: “Ai meu Deus...”, como quem diz, *vem me incomodar*. O que me levou a refletir o seguinte: Como será que esse tipo de professor mantém o relacionamento com os educandos dentro de sala de aula? Será que o educando é ouvido ou recebe respostas como: *outra hora você pergunta* ou *isso não diz respeito ao conteúdo dado*?

2.3 Aplicação da pesquisa

1º Momento: aplicação do questionário

Os objetivos principais do questionário foram:

- I. avaliar se a agressão entre os discentes era de fato presente no cotidiano da escola,
- II. verificar se os professores já presenciaram algum tipo de agressão entre os educandos,
- III. identificar de que forma acontece a agressão,
- IV. identificar quais os principais aspectos que influenciam o comportamento dos educandos em relação à violência,

- V. verificar se os professores percebem se os educandos provocados reagem perante as provocações do agressor e que tipos de atitudes tomam quando são intimidados,
- VI. verificar se conhecem algum caso de estudantes que abandonaram o estudo por sofrerem qualquer tipo de agressão na escola,
- VII. identificar se a agressão pode influenciar de maneira negativa o processo de ensino-aprendizagem,
- VIII. verificar os aspectos característicos apresentados pelo aluno vitimado na escola
- IX. avaliar qual é a imagem que os estudantes da turma tem do agressor.

O primeiro contato foi realizado verbalmente com a diretora da escola que concordou com a pesquisa e que também foi a primeira a responder o questionário e deixou à escola à disposição para efetuar o trabalho.

No questionário sobre violência escolar aplicado à diretora da escola, esta mencionou que já tomou conhecimento de casos de violência durante seu mandato e concluiu que são agressões leves. A incidência da agressividade se dá mais na 5ª série. Os tipos de agressões mais freqüentes são as agressões entre colegas em sala de aula ou no pátio, mas o local onde ocorrem com mais freqüência é no espaço de sala de aula. As vítimas de agressão foram majoritariamente do sexo masculino.

As medidas adotadas de acordo com o regimento escolar são as ocorrências de turma e a ocorrência geral comunicada aos pais ou responsáveis; após reincidência, ou seja, três ocorrências registradas são encaminhadas para o Conselho Tutelar e a Patrulha Escolar, quando forem mais agravantes.

As estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar se dão com palestras com o Conselho, Pastoral e outros. A escola não conta com nenhum programa de intervenção conjunta. Segundo a diretora, no decurso do seu mandato, considera que os casos de violência e agressividade continuam ainda maiores na 5ª série, onde até as brincadeiras entre os alunos são violentas, agressivas.

A pedagoga da escola também foi comunicada e se dispôs a ajudar no que fosse preciso. Em seguida, aproveitando o horário do café em que os professores estavam presentes, foi explicado o objetivo do estudo, que o mesmo seria utilizado como conclusão de uma especialização e o pedido de colaboração voluntária foi reforçado para a realização do estudo; e todos concordaram em responder o

questionário, alguns responderam na mesma hora; outros, devido a falta de tempo, pediram para levar o questionário para responder em casa com mais calma. Mediante a aceitação dos professores foi contabilizado, então, a participação dos 11 professores que lecionam no período da manhã.

2º Momento: aplicação da entrevista

A entrevista foi mais difícil de realizar, visto que nem todos os professores trabalham todos os dias na escola e esta só poderia ser realizada, de fato, no horário da hora atividade.

Em relação à visita na escola não houve problema, pois esta pesquisadora trabalha na mesma escola pelo regime profissional de dualidade administrativa, pelo município; no entanto, mesmo trabalhando no mesmo local, a dificuldade em falar com os professores se deu pelo fato de estarem em sala de aula e por esta pesquisadora também ter seus afazeres e os horários serem coincidentes.

Da mesma forma como o instrumento do questionário, a realização da entrevista semi estruturada também ocorreu após aceitação dos professores e pelo interesse no assunto em questão. A identificação se deu através do próprio questionário que continha como última pergunta a disponibilidade e o interesse de conceder uma entrevista para conversar mais sobre o assunto pesquisado.

As entrevistas tiveram como objetivo descobrir como a violência ocorre dentro do ambiente escolar, bem como sua influência na aprendizagem, procurando entender e aprofundar o que os professores assinalaram ou responderam no questionário.

Assim sendo, a entrevista foi feita com cinco professores que participaram do questionário. Elas não aconteceram no mesmo dia, lembrando que foram realizadas na própria escola no horário de disponibilidade do professor, respeitando assim o tempo restrito deste; esta limitação de tempo de certa forma dificultou a obtenção de dados.

Questionários dos docentes que não concederam a entrevista.

Algumas considerações devem ser feitas em relação a dificuldade na obtenção de mais informações, sendo que na minha opinião era importante que todos participassem ativamente do processo, deixando assim o trabalho mais completo.

Os professores que não aceitaram falar um pouco mais sobre o assunto sequer disseram o motivo pelo qual o fizeram.

Seis docentes num total de 11 não aceitaram realizar as entrevistas, mas forneceram dados para a coleta de informações e amostragem dos mesmos.

Dentre as questões que eram de cunho dissertativo estavam às questões de número 3 e 8.

A questão de número 3 tinha como indagação o seguinte: Se os alunos que provocam e intimidam os outros alunos são considerados os alunos problemas da sala de aula e obtiveram-se respostas como:

Docente 1:

Essa situação se dá em termos. Porque os filhos são o reflexo dos pais.

Docente 2:

Afirmou mas não disse o porquê.

Docente 3:

Sim. Porque esses alunos problemas não querem estudar e acabam atrapalhando o aprendizado dos demais.

Docente 4:

Afirmou mas não disse o porquê.

Docente 5:

Afirmou mas não disse o porquê

Docente seis:

Afirmou mas não disse o porquê

A questão de número 8 perguntava se os professores acreditam que as provocações e intimidações podem influenciar negativamente a aprendizagem dos alunos e o porquê. As respostas foram as seguintes:

Docente 1:

Não respondeu.

Docente 2:

Não respondeu.

Docente 3:

Sim, pois os deixa desmotivados e com vergonha dos colegas.

Docente 4:

Não respondeu.

Docente 5:

Não respondeu.

Docente 6:

Porque não há suporte emocional para se concentrar nas aulas, ignorar as provocações e ainda manter uma auto-estima.

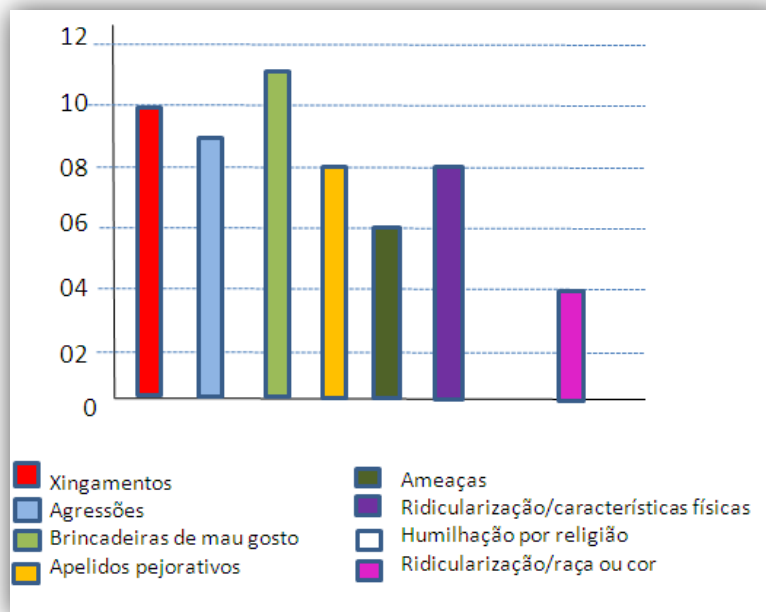
De acordo com as informações contidas no questionário pode-se perceber que não só os alunos estão desmotivados assim como os docentes, pois a maioria deixou de responder as questões propostas. Daí fica a pergunta: Como esses docentes podem exigir que seus alunos participem ativamente das aulas se eles próprios não dão o exemplo? Quero deixar bem claro que os demais professores num total de 5 se disponibilizaram e concederam as entrevistas e se prontificaram a ajudar no que fosse possível. Então no caso dessa escola eu me pergunto: Será que as atitudes dos alunos não são para chamar a atenção desses docentes haja vista que se comportam deste modo num questionário como devem se comportar diante de situações dentro de sala de aula, tanto é que a maioria dos casos de brigas acontece neste ambiente na presença deles.

2.4 Apresentação e análise de dados

Após tabular os dados do questionário foi possível verificar que 100% dos professores entrevistados já presenciou algum tipo de intimidação/provocações entre os educandos, deixando bem claro que a violência está presente em nossas escolas, que este estudo tem seu valor e que políticas públicas devem ser tomadas para minimizar este fenômeno.

Ao investigar os tipos de agressões que os professores já presenciaram no cotidiano escolar foi possível sistematizar os dados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Formas de manifestações mais comuns da violência na escola



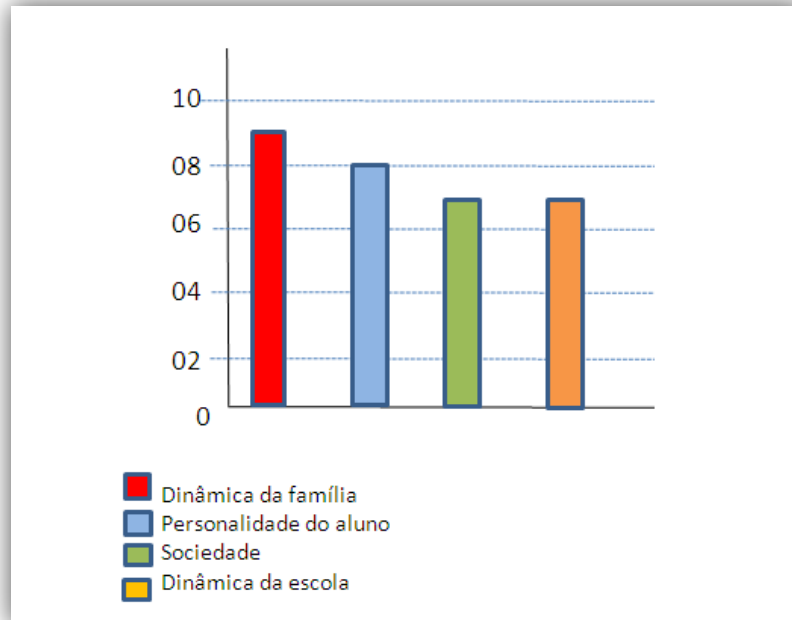
Como podemos perceber no gráfico acima, todos os professores entrevistados declararam que as brincadeiras de mau gosto estão presentes no ambiente escolar, evidenciando a opinião de que esta é a principal forma de agressão entre os educandos. Em seguida, com 10 votos, estão os xingamentos. Em terceiro lugar, com 9 votos, estão as agressões físicas. Com 8 votos ficaram os apelidos pejorativos, seguidos da categoria ridicularização/humilhação por características físicas (peso/altura/cabelo). As ameaças tiveram 6 votos, as ridicularizações/humilhações por raça ou cor tiveram 4 votos e nenhum professor dentro da escola percebeu a existência da ridicularização/humilhação por religião.

Todos esses aspectos observados podem ser considerados como forma de violência, apresentadas tanto verbal quanto fisicamente.

Outra questão abordada no questionário foi ordenar fatores de maior influência nas provocações/intimidações entre os alunos, enumerando numa escala do 1 ao 4 o seu grau de influência, sendo que o número 1 seria destinado ao fator primordial. A partir da opinião dos professores, em primeiríssimo lugar, com 9 votos, está a *dinâmica da família*; com 8 votos, *personalidade do aluno*. Empatados com 7 votos ficaram a *dinâmica da escola* e a *sociedade*.

Este resultado pode ser melhor visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Fatores que influenciam as provocações/intimidações entre os estudantes



Ao serem questionados sobre a reação dos alunos intimidados diante dos agressores, seis professores disseram que os educandos provocados/intimidados reagem às vezes e cinco disseram que reagem sempre que provocados; em momento algum os professores disseram que os provocados não reagem, ou seja, ficam quietos, sempre revidam.

Na questão sobre as atitudes mais frequentes entre os alunos que são provocados, a mais comum segundo a maioria dos professores foi a de que o provocado xinga o agressor; em segundo lugar eles partem para briga dentro da escola e, em terceiro lugar, reagem com algum tipo de ameaça. Ficaram empatados as reações de partir para briga fora da escola e se isolar do restante da sala, mas um dado que chama bastante atenção é que nenhum professor assinalou a opção *não fazem nada*, deixando bem evidente que diante das provocações o provocado reage, o que nos faz refletir que toda ação gera uma reação.

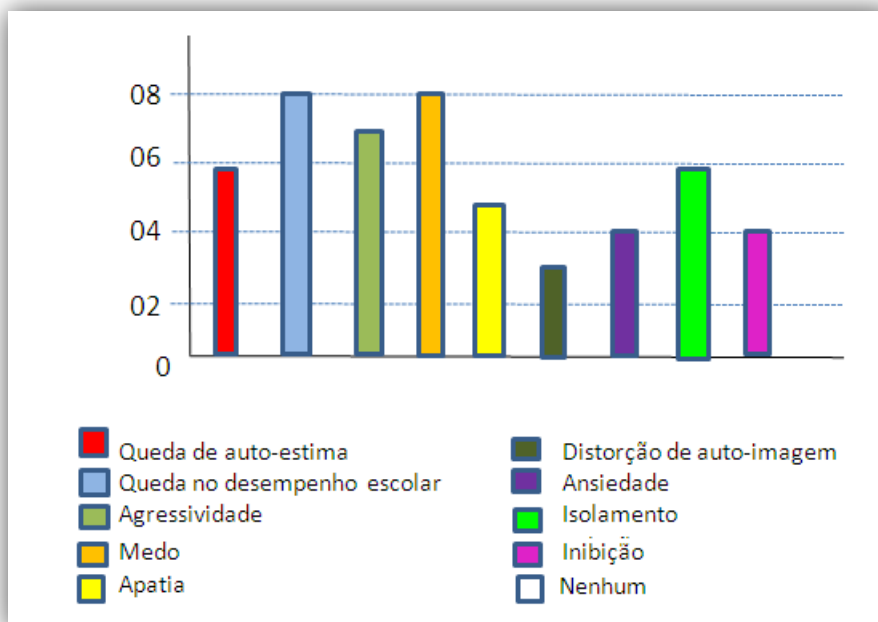
Uma questão abordada foi investigar se os professores tinham conhecimento de algum caso em que o educando tenha abandonado os estudos por ser provocado/intimidado por outros educandos e o resultado foi o seguinte: dos 11 professores, apenas 3 tinham conhecimento de algum caso; os demais

desconheciam se na escola que atuam algum estudante já tomou atitude tão drástica em relação às violências sofridas.

Outra questão muito importante de ser investigada é a que se refere ao comportamento dos estudantes que sofrem algum tipo de violência escolar e a relação com o processo de ensino-aprendizagem. Dentre as características citadas a mais assinalada foi, em primeiro lugar, a queda no desempenho escolar e o medo; em segundo lugar a agressividade; em terceiro lugar a queda da auto-estima e o isolamento; em quarto lugar, a apatia; em quinto lugar a ansiedade e a inibição e, finalmente, em sexto lugar, a distorção da auto-imagem. A opção *nenhuma reação* não foi assinalada por nenhum professor, deixando bem claro que as provocações do “valentão da classe” sempre vai gerar algum tipo de transtorno àquele que foi agredido, traumas esses que podem ser levados para o resto da vida e que podem se complicar com o passar dos anos.

Os dados ficaram mais visíveis com a observação do gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Aspectos percebidos nas vítimas que sofrem provocações/intimidações



Com relação à última questão que diz respeito à visão que os estudantes têm do agressor, as respostas são as seguintes: em primeiro lugar os “valentões” são

temidos pelos demais alunos que observam tais situações; em segundo lugar eles são valorizados pelos demais alunos que observam tais situações; em terceiro lugar, geram reprodução de provocação/intimidação a terceiros; em quarto lugar, geram revide por parte dos alunos provocados/intimidados e, em quinto lugar, geram atitude de inibição/retraimento nos alunos provocados/intimidados.

Ficou livre a manifestação daqueles que já sofreram ou já presenciaram algum tipo de violência a registrar através de relato escrito no próprio questionário o que incomoda ou já incomodou. Seguem alguns trechos dos relatos:

“Eu já vi gente sofrendo de *bullying*, pra dizer já vi muitas vezes, mas não pude fazer nada”.

“Eu e minhas amigas já sofremos *bullying* por causa de apelidos maldosos e eu acho que isso não poderia acontecer nas escolas e nem nas ruas, porque isso ofende e magoa!”

“*Bullying* é coisa feia e não devemos fazer isso, em lugar nenhum, eu sou contra isso, porque já sofri com isso e isso magoa muito”.

“Eu já fui agredido na escola, a pessoa apertou embaixo da minha orelha e eu fiquei um dia com dor”.

“Eu já vi, acontecia comigo todos os dias depois da aula. Elas vinham, faziam duplas e me agrediam fisicamente e moralmente, pois eu sou pardo então vinham e falavam: toma seu arrozinho queimado e me agrediam”.

“Eu já sofri *bullying* na escola de três meninas que me odiavam”.

“Eu já vi um amigo meu apanhando na frente da escola”.

“Eu já sofri apelidos preconceituosos e assim eu agredi essa pessoa que me apelidou”.

“Eu já vi uma colega aqui na escola sofrer *bullying*, a fulana xingou ela de baleia de óculos”.

Todas as agressões ou manifestações são levadas ao conhecimento da direção ou coordenação da escola que toma as devidas providências para que não se repitam. O procedimento é primeiramente conversar com os envolvidos, com os pais e se a agressão for mais séria é solicitada a presença da Patrulha Escolar e do Conselho Tutelar de modo que, se vierem a ser repetidas, serão levadas à delegacia.

Questionário dos discentes:

Foi aplicado o questionário a 52 discentes com 12 perguntas relacionadas à violência e de acordo os dados levantados ficou o seguinte:

1) A violência escolar é algo legal?

sim 0

não 48

em alguns casos 4

2) Você gosta da violência?

Sim 0

não /nunca 49

às vezes 3

3) Colocar apelidos nos colegas é um tipo de violência?

Sim 33

não 19

4) Você já colocou apelidos nos colegas?

sim 28

não/nunca 10

às vezes 14

5) Você já sofreu algum tipo de violência?

sim 33

não/nunca 19

na escola 18

na rua 10

em casa 1

6) Você já praticou algum tipo de violência contra seus colegas?

sim 17

não/nunca 22

às vezes 12

7) Na rua você já foi vítima de violência?

sim 16

não/nunca 36

8) Você já viu alguém sendo vítima de violência?

sim 19

uma vez 9

várias vezes 25

não 1

9) Você interferiu, ou seja, que reação teve:

ajudou o agressor 0

ajudou o agredido 15

não se meteu 36

10) Você acha certo coisas que aparecem na televisão de violência contra colegas, contra professores?

Sim eles merecem não ninguém merece

11) Que se pode fazer para diminuir a violência?

mais policiamento 18

conscientização 10

mais educação 38

Nessa pergunta podemos notar que os alunos assinalaram mais de uma alternativa por acreditarem que todas são importantes. Alguns marcaram uma opção, assim como teve aqueles que marcaram duas e até as três opções.

12) Que tipo de atividade você acha que a escola poderia oferecer para diminuir a violência? De acordo com as respostas foi formulado o seguinte gráfico:

Professores bravos-1

Gincana 5

Futebol 7

Futsal 12

Vôlei 8
Artesanato 1
Brincadeiras com os conteúdos escolares 1
Xadrez 3
Campanha contra a violência 1
Pintura 4
Judô 3
Policiamento nas ruas e na escola 4
Desenho 1
Basquete 5
Música 5
Dança 1
Atletismo 1

O que se pode notar na fala de alguns estudantes é que a maioria quer uma escola mais divertida e atrativa. Vejamos alguns dos depoimentos:

“Jogos para distrair exemplos: esportes e artes...”

“Futebol porque joga em parceria”.

“Poderia ter mais educação”.

“As aulas de artes poderiam diminuir a violência se fossem mais vezes...”

“Interagir com os colegas, mais trabalhos em equipe.”

“Ter aulas diferentes...”

Levando em consideração o que relataram pode-se perceber que o método adotado pelo sistema de ensino está falhando, pois os professores tem que dar conta dos conteúdos programáticos, mas utilizam para isso apenas a lousa e o giz deixando na visão dos estudantes a desejar. Como no relato de um estudante o professor pode de acordo com o conteúdo abordado trabalhar de forma diferenciada e quem sabe assim com uma aula mais elaborada e dinâmica prender a atenção do aluno e fazer com que este se interesse pelo assunto em questão deixando de lado as discussões e desentendimentos dentro de sala de aula, pois a maioria dos casos de agressão acontece dentro dela . Na visão os professores os alunos “não querem nada com nada”, até tentam proporcionar uma aula diversificada mas nada prende a atenção deles .Então pra que ter esse trabalho? Vemos então os dois lados: alunos culpando os professores e os professores culpando os alunos.

Contudo, podemos perceber então que o sistema está falho e a escola no meio de uma sociedade violenta sofre com isso. A escola já não atrai mais, o mundo lá fora para os estudantes é mais interessante e os professores já não sabem o que fazer e é aí também que nossos governantes devem olhar com mais atenção e carinho.

É preciso conquistar nossos jovens e fazê-los gostar do ambiente escolar e uma das formas para que isso aconteça é dar ouvidos ao que eles pedem, porque dá maneira que está à tendência é que fiquem cada vez mais desmotivados e agressivos, bem como oferecer aos nossos professores condições dignas de trabalho e apoio para que ambos possam conviver de forma harmoniosa e os resultados sejam os melhores possíveis.

2.5 Análise das ocorrências

Com a devida autorização da diretora a pesquisadora participou de algumas reuniões para tratar das ocorrências ocorridas na instituição e teve livre acesso a ata das ocorrências (no período de 02/03/11 a 16/09/11) para uma análise dos tipos de situações mais presentes.

Foram analisadas, em primeiro lugar o número de ocorrências registradas na escola neste período tipificando deste modo a sua gravidade. Foram consideradas como situações mais graves as agressões físicas de alunos entre si e de alunos para adultos ,que coloquem em causa a integridade física e psicológica dos mesmos.

De acordo com o levantamento de dados ficou registrado o seguinte:

- _____ incidentes por brigas dentro da sala de aula;
- _____prática de gestos obscenos e palavras de cunho pornográfico;
- _____brincadeiras de mau gosto dentro de sala de aula;
- _____deboches para com os funcionários da escola;
- _____apelidos de cunho racista e discriminador;
- _____discussões com funcionários ;
- _____brigas no pátio da escola;
- _____xingamentos entre os alunos;
- _____agressões físicas no horário do intervalo;
- _____ameaças de agressões fora da escola;
- _____depredações do patrimônio público: pichações nas paredes da escola, carteiras, armários etc;

_____ameaças com objetos cortantes;
_____provocações;

Com relação a disciplina os alunos envolvidos como já foi dito anteriormente são advertidos verbalmente e por escrito, os pais são chamados e de acordo com a gravidade da ocorrência o policial da Patrulha Escolar é acionado , bem como os representantes do Conselho Tutelar para as medidas cabíveis.

Os relatos referem um conjunto de incivilidades que evidenciam a falta de reconhecimento do papel do professor: gritos, ameaças e injúrias são comuns e com maior incidência na 5ª e 6ª séries.

A maioria das agressões mais violentas acontecem entre os próprios alunos e algumas situações de confronto que se dão com a direção, a pedagoga, os professores e o inspetor da escola.

A maioria das violências sejam elas verbais ou físicas entre os alunos decorrem em contexto da sala de aula na presença dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese a tudo o que foi dito e aos estudos realizados nas últimas duas décadas o termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais que incluem também conflitos interpessoais, atos criminosos, danos ao patrimônio público etc.

Infelizmente este comportamento agressivo entre os estudantes é um problema universal e sua prática pode ter conseqüências negativas de imediato ou mais tarde para aqueles direta e indiretamente envolvidos.

Esse comportamento violento está ligado ao desenvolvimento individual e aos contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. O modelo de mundo exterior é reproduzido na escola e acaba transformando esse local que deveria ser seguro em que a disciplina e os valores são repassados e passem a ser violentos, em que o medo, a insegurança, o sofrimento passam a fazer parte deste espaço.

O que mais preocupa é o fato do problema estar sendo encarado como natural e por vezes ignorado pelos adultos.

O que a escola não pode é marginalizar esses alunos agressivos adotando medidas punitivas como castigos, suspensões ou exclusão do ambiente escolar ela deve fornecer condições para que eles desenvolvam comportamentos mais saudáveis e amigáveis.

A escola, portanto deve aperfeiçoar suas técnicas de intervenção, buscando a cooperação de outras instituições como conselhos tutelares, centros de saúde e redes de apoio social.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema importante e crescente de saúde pública no mundo, dadas as suas sérias conseqüências para indivíduos, famílias, comunidades e países (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

A prevenção e o combate a violência é uma medida de saúde pública que visa o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes e a uma convivência social sadia e segura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2002.

ARRIETA, Gricelda Azevedo [ET AL.]. **A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.

CHIORLIN, Marina de Oliveira. “A influência do bullying no processo de Ensino-Aprendizagem – 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade federal de São Carlos Centro de Educação e Ciências Humanas Departamento de Educação, São Carlos, 2007.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

Dicionário Aurélio online 2008-2011. Disponível em: <http://74.86.137.64-static.reverse.softlayer.com/>. Acesso 12 de novembro de 2011.

HEIMAMM, Leopoldo. **A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: perspectiva Teológica**. Canoas: Ed. Ulbra, 2000.

LIDANDO COM A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: O PAPEL DA UNESCO/BRASIL

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001322/132251por.pdf> - Acesso em: 14 de novembro de 2011.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo: Annablume, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D.A. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda. 1998-2009. Disponível em: <http://www.michaelis.uol.com.br> . Acesso em 12 de novembro de 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Tudo sobre Bullying. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml> . Acesso em: 13 de novembro de 2011.

APÊNDICES

1. Transcrição das entrevistas

Entrevista número 1

Na questão número 1 a senhora mencionou que já presenciou algum tipo de intimidação/provocação entre alunos. De que forma acontecem essas provocações/intimidações?

R) Bem, elas acontecem em primeiro lugar por brincadeiras de mau gosto, seguidas por agressões, xingamentos, apelidos pejorativos e ridicularizações e humilhações por características físicas como o peso, altura, cabelo, enfim...

Na questão número 3 a senhora disse que os alunos que provocam/intimidam os outros alunos são os alunos problema da sala. Por que?

R) Porque eles não têm limites, alguns são filhos de pais separados. Família desestruturada.

Na questão numero 4 a senhora enumerou numa escala de 1 a 4 os aspectos que influenciam as provocações/intimidações entre os alunos. Pode comentar?

R) Coloquei a dinâmica da família como principal influência pela questão da convivência entre os familiares. Pais que trabalham fora ou que jogam responsabilidade para uma das partes ou para os avós. Em segundo lugar a sociedade porque ela cobra, mas não dá condições. Tem leis que estão apenas no papel e não são cumpridas. Em terceiro lugar a dinâmica da escola, pois ela deveria ser um lugar prazeroso e em quarto lugar a personalidade do aluno, porque alguns alunos são difíceis até para conversar, pois não têm limites em casa ou fora dela. Os filhos mandam nos pais e quando chegam à escola querem mandar nos professores.

Na questão 8 você acredita que as provocações /intimidações entre os alunos podem influenciar negativamente a aprendizagem deles por quê?

R) Porque sentem medo e não falam nada para os professores. Os professores sabem quando os alunos comentam.

Na questão 9, o que vale ressaltar?

R) Os alunos intimidados vão se isolando do grupo e a pedagoga é comunicada para avaliar essa situação. Os pais são chamados à escola para ajudar a solucionar essa questão.

Entrevista número 2

Na questão número 1 o senhor disse que já presenciou algum tipo de intimidação/provocação entre alunos. Pode comentar mais a respeito?

R) em relação à intimidação ela se dá mais verbalmente com o uso de palavrões. Já presenciei um incidente de briga física onde houve a intervenção do professor para separar os agressores e estes foram levados à direção da escola.

Na questão número 3 o senhor assinalou que os alunos que provocam/intimidam são em termos os alunos problema da escola. Por quê?

R) Muitas vezes são vítimas que de tanto serem incomodados se rebelam contra os agressores.

De acordo com sua opinião a questão número 4 a respeito da influência das provocações/intimidações entre os alunos o senhor ordenou assim: sociedade, dinâmica da família, dinâmica da escola e a personalidade do aluno. Comente:

R) Sociedade: Bom há o sistema onde o mais forte pisa no mais fraco. A desigualdade social que existe muito no nosso país. Entre os alunos aquele que tem mais que o outro humilha e tira sarro.

Dinâmica da família: A instituição está falida, sem valores morais e cívicos Não cabe só ao professor passar os conteúdos tem que ajudar na formação psicossocial.

Dinâmica da escola: O sistema da escola (direção e pedagógico funcionam). O professor tem que gostar do que faz, não deve empurrar com a barriga.

Personalidade do aluno: A personalidade da criança vem de casa, da formação dele. O meio em que está inserido. No nosso caso a comunidade é carente então é mais complicado.

Com relação à questão número 5 o senhor assinalou que às vezes os alunos que são provocados/intimidados apresentam algum tipo de reação perante os alunos que provocam, e as atitudes mais frequentes entre os alunos que são provocados são as de xingar o agressor ou se isolar do restante da turma Explique:

R) A ação gera reação. O xingamento é usado como um instrumento de defesa. Eles não compreendem que estão errados, ainda não conseguem separar as coisas e entram no conflito.

O agredido se sente inferiorizado e se isola do todo e isso é um tipo de defesa também.

O senhor mencionou na questão 7 que soube de algum caso de abandono da escola. Gostaria de comentar o caso?

R) O aluno deixou de estudar por falta de responsabilidade social da família. O aluno não teve a consciência da importância da educação e por esse motivo se viu sozinho e desistiu.

Na questão 8 a pergunta se referiu à influência negativa das provocações/intimidações no aprendizado dos alunos. O senhor concorda com esta afirmação?

R) Sim, pois o aluno fica afetado moralmente e perde a concentração, à vontade e acaba se afastando, por isso é importante trabalhar a violência na escola.

Na questão número 9 o senhor assinalou alguns aspectos que percebe nos alunos que são intimidados/provocados dentre eles: a queda de auto-estima, o medo, a apatia, o isolamento e a inibição. Pode tecer um comentário sobre esses aspectos?

R) A auto-estima estando baixa por ser agredido verbalmente, sem motivação cai o rendimento escolar.

O aluno acaba sendo coagido, é o estereótipo das agressões e acaba ficando com medo e se isola. Não deixa se inteirar. Fica com vergonha de alguém rir de sua cara. O agressor fica cada vez mais impune, assim vai se fortalecendo e isso é um fator da impunidade.

Com relação aos alunos que são considerados valentões quer fazer algum tipo de consideração?

R) Veja os alunos são influenciados pelo que observam em casa e acabam por reproduzir isso na escola.

Entrevista número 3

Quanto à questão número 1 a senhora falou que já presenciou algum tipo de intimidação/provocação entre os alunos. De que forma isso acontece?

R) Elas acontecem através de xingamentos, agressões, brincadeiras d mau gosto, apelidos, ameaças e humilhações por causa da aparência física.

Na questão número 3 a senhora concorda que os alunos problema da sala geralmente são aqueles que provocam/ intimidam por quê?

R) São geralmente muito indisciplinados, não fazem as tarefas e atrapalham a concentração do professor e dos demais alunos.

Gostaria que comentasse a questão número 4 que fala sobre os aspectos que influenciam as provocações/intimidações.

R) Acredito que a dinâmica da família esteja em primeiro lugar desta lista porque a base familiar é a mais importante. A criação dos nossos alunos é diferente. Não sabemos se existe diálogo em casa, mas sabemos da existência de pais drogados. Outro dia mesmo vi a mãe de um aluno com uma garrafa de bebida alcoólica em plena luz do dia. Os alunos não têm carinho em casa.

A personalidade do aluno geralmente é influenciada pela família. A convivência com a violência em casa reflete na personalidade dele que está se desenvolvendo como pessoa.

A sociedade é uma influência, pois são crianças pequenas que convivem na rua altas horas da noite e vão aprender o que não devem.

E as dinâmicas da escola que devia ter mais regras, limites, mas isso depende muito da escola é claro. Aqui eles entram a hora que querem, e se são chamados à atenção dizem que não querem entrar. Quando bate o sinal o professor tem que correr atrás do aluno. Aqui por se tratar de uma escola com dualidade administrativa algumas regras não podem ser colocadas em prática como o fechamento dos portões, por exemplo, mas tem regras que poderiam ser expostas.

Na questão número 5 a senhora disse que os alunos que são provocados/intimidados esboçam reações que seriam partir para a briga dentro da escola e xingar o agressor que fazer mais comentários?

R) Os alunos que mexem são agredidos. Eles não podem nem se olhar que logo partem para a agressão. No caso da 5ª série todos os professores reclamam. Em alguns que são bons alunos. O professor tem que encher o quadro negro de atividades para mantê-los ocupados. Não tem condições de passar um vídeo, que não funciona, eles não prestam a atenção.

Você acredita que as provocações/intimidações entre os alunos podem influenciar negativamente a aprendizagem dos alunos, por quê?

R) Eu acredito porque esses alunos não se concentram nas aulas e não fazem as tarefas, também não participam e, além disso, atrapalham o desempenho dos colegas.

Na questão número 9 você assinalou a queda de auto-estima e a agressividade como os principais aspectos perceptíveis nos alunos que são intimidados/provocados. Porque considera esses aspectos?

R) Não tem como ter bom desempenho escolar se eles estão se provocando, se xingando.

Há o revide que é resolvido dentro da própria sala de aula. Querem mostrar que podem e se prejudicam em consequência disso às notas são geralmente baixas.

Na questão número 10 a senhora disse que os alunos considerados valentões geram revide por parte dos alunos provocados/intimidados por quê?

R) Os alunos agressores são mais percebidos. Aqueles que são agredidos sofrem com o fato do medo.

Entrevista número 4

A senhora disse que já presenciou provocações entre os alunos. Que tipo de provocação já presenciou nesta escola?

R) ameaças onde falam que vão chamar "fulano" para bater, ou frases do tipo: "se cuide que eu vou te pegar".

Mais frequente na 5ª série, na 6ª série e de menor intensidade, na 7ª série não tem ou é muito difícil.

Quanto mais novos, mais agressivos!

De que forma acontecem as provocações, intimidações entre os alunos?

R) Bom, acontecem por meio de xingamentos, agressões, brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos e ridicularização por características físicas (peso, altura, cabelo).

Os alunos que provocam/intimidam ao outros são considerados alunos- problema da sala? Por quê?

R) Em termos. Na maioria das vezes são os alunos problema da sala, mas às vezes, "os quietinhos" não aguentam as provocações e se "rebelam".

Gostaria que a senhora comentasse sobre os aspectos que influenciam as provocações/ intimidações entre os alunos na ordem em que eles foram colocados de acordo com a sua importância:

R) A dinâmica da família_ Porque vem muito de casa, os pais não tem controle sobre os filhos, não tem apoio familiar, são largados. Não existe diálogo. Às vezes os pais instruem os filhos dizendo para que batam na escola (bateu, levou).

Personalidade do aluno_ Já é do jeito que são por natureza. Alguns são mais tranquilos, outros já se irritam com mais facilidade.

Sociedade- Falta emprego para os pais. A comunidade é precária.

Dinâmica da escola_ Às vezes aos educandos falam: " Vão chamar o Conselho tutelar e não vai dar em nada".

A professora fica de mãos atadas, pois eles se prevalecem da impunidade e a professora tem que aguentar, não pode expulsar, por para fora da sala de aula e isso interfere no aprendizado.

Porque a senhora considera que às vezes os educandos provocados/ intimidados apresentam algum tipo de reação perante os educandos que provocam?

R) Geralmente eles revidam. Se um dá um tapa na cabeça do outro, este já revida.

Até os mais tranquilos revidam. A maioria revida na mesma hora.

Comente sobre as atitudes mais frequentes entre os alunos que são provocados:

Xingam o agressor: Quando são atacados geralmente xingam com palavrões.

Reagem com algum tipo de ameaça: Reagem assim: " Ah, vou te pegar ou vou mandar fulano te bater!"

Se isolam do restante da sala: Comentam na sala de aula que alguém está batendo e se encorujam” no canto deles.

Você acredita que as provocações/ intimidações entre os alunos podem influenciar negativamente a aprendizagem deles?

R) Sim. Fica difícil até para o professor dar continuidade à aula quando começam as discussões.

De acordo com sua resposta a senhora percebe nos alunos que são intimidados/ provocados os seguintes aspectos: queda no desempenho escolar, agressividade e ansiedade. Pode comentar?

R) Queda no desempenho escolar: não tem como dar aula se eles não tem interesse nenhum. Quando perguntados por que eles vêm para a escola respondem o seguinte: “que é um castigo ou é por causa da Bolsa Família”. A família não se preocupa com a educação deles!

Medo: Aqueles que são ameaçados sentem medo e alguns ficam agressivos. Costumam chamar a mãe e os professores e isso também depende de quem está ameaçando.

Apatia: Existe uma falta de interesse, falta de perspectiva. Perguntados o que querem ser quando crescer eles não sabem responder Estão desanimados da vida. Não pensam em melhorar, que podem conseguir coisa melhor. Eles não têm a maturidade de entender que através da educação podem mudar de vida. As meninas se enchem de filhos e os meninos vão para as drogas.

A senhora pode comentar sobre a visão que os outros alunos têm dos alunos valentões:

R) Os valentões são tidos como os tais, são os corajosos.

Quando mexem os outros baixam a bola e aceitam.

“ Quem vai mexer com eles se podem apanhar, é melhor ficar quieto.

Entrevista número 5

A senhora disse já ter presenciado intimidações/provoações entre os alunos. De que forma elas acontecem?

R) Bom, através de xingamentos, agressões, brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos e ridicularização/ humilhação por características físicas como a altura, cor do cabelo, peso...

Os alunos que provocam/ intimidam os outros são os alunos-problema da sala? Por quê?

R) Sim. Porque geralmente esses alunos são inquietos, constantemente estão fora do lugar atrapalhando a aula e os colegas com seu mau comportamento.

Na questão de número 4 a senhora ordenou o que mais influencia as provocações/ intimidações, pode dar mais detalhes?

R) Na minha opinião a primeira e mais importante é a dinâmica da família porque a educação vem de casa. A família é desestruturada e às vezes tem a mesma atitude dos pais, eles vêm os pais fazendo em casa e reproduzem o comportamento na escola.

Em segundo lugar a personalidade do aluno, tem aluno que por mais que a escola tente trabalhar com ele e mesmo a família sendo bem resolvida eles são problemáticos do mesmo jeito.

Em terceiro lugar vem à dinâmica da escola, pois se a escola não tomar as providências eles vão continuar brigando. Se ela não tiver pulso firme para encaminhá-los não adianta nada.

E por último a sociedade. A sociedade tem problema. Quase todos têm problemas. A questão financeira acaba influenciando e a família não é completa, moram com padrastos, tios e ficam na rua até tarde.

Na questão 5 a senhora afirmou que os alunos que são provocados/intimidados apresentam algum tipo de reação perante os alunos que provocam. Pode comentar um pouco mais?

R) Acontece mais na 5ª série onde geralmente o aluno que provoca diz que vai pegar o outro na saída da escola.

De acordo com sua opinião as atitudes mais frequentes entre os alunos que são provocados são as de partir para a briga dentro da escola e xingar o agressor. Porque considera essas reações?

R) Primeiro o aluno que é provocado revida com xingamentos e quando não aguenta mais, parte para a briga.

A senhora acredita que as provocações/intimidações entre os alunos podem influenciar negativamente a aprendizagem deles? Por quê?

R) Sim, porque o aluno ao invés de prestar a atenção no conteúdo que está sendo passado pelo professor perde totalmente o foco e fica discutindo ou provocando os demais.

O que era antes um local de estudo acaba se tornando um local de rivalidades que infelizmente acaba afetando a aprendizagem da turma no geral.

Na questão 9 a senhora assinalou os seguintes aspetos que percebe nos alunos que são intimidados/provocados, são eles: queda do desempenho escolar, agressividade e ansiedade. A senhora poderia comentar mais a respeito?

R) Queda do desempenho: ficam perdendo o tempo discutindo em sala de aula que o professor tem que ficar apaziguando a situação ao invés de dar aula. O tempo é perdido.

Agressividade: até os alunos que eram comportados, quietos no início do ano começaram a ficar agressivos com a convivência com os agressores em sala de aula.

Ansiedade: ficam mais agitados, não conseguem ficar sentados por muito tempo, andam pela sala de aula.

Na questão 10 que fala sobre a figura dos valentões a senhora disse que seu comportamento gera revide por parte dos alunos provocados/intimidados e também gera reprodução de provocação/intimidação em relação a terceiros. Explique:

R) Além de provocarem os outros, quando um aluno mexe com o outro eles incentivam para que briguem e agitam a sala de aula.